



PRESS MONITORING

A Radar // Portugal

Taguspark. João Carlos Silva "não fez qualquer frete" ao PS

Teixeira dos Santos disse ontem que antigo secretário de Estado de Guterres serviu o interesse público

O ex-ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, afirmou ontem em tribunal que o arguido do processo Taguspark João Carlos Silva não fez "qualquer frete" ao PS no exercício das funções de secretário de Estado do Orçamento.

"Não tenho dúvidas algumas em dizer que a sua motivação era servir o interesse público. Nunca constatei nenhum episódio em que estivesse a fazer qualquer frete fosse a quem fosse", disse Teixeira dos Santos durante a sessão de ontem do julgamento que decorre no tribunal de Oeiras.

O ex-ministro das Finanças do governo de José Sócrates, testemunha arrolada pela defesa do antigo secretário de Estado do Orçamento (no Governo de Guterres) e antigo presidente da RTP, foi ouvido através de videoconferência a partir do Porto. Teixeira dos Santos destacou o "empenhamento" da actuação de João Carlos Silva no exercício de funções públicas.

Durante a sessão foi ainda ouvido o jornalista José Rodrigues dos Santos, director de informação da RTP em 2000, altura em que João Carlos Silva foi administrador da televisão pública. Rodrigues dos Santos afirmou que João Carlos Silva nunca pôs em causa a sua imparcialidade. Segundo o jornalista, o facto de João Carlos Silva ser um político "teve um efeito curioso que de certo modo o deixou" sob suspeita, dentro e fora da RTP. No processo que agora se encontra em julgamento, estão em causa, segundo a acusação, alegadas contrapartidas que a Taguspark terá dado a Luís Figo para este apoiar a campanha de José Sócrates em 2009. João Carlos Silva, à data dos factos administrador do Taguspark, Rui Pedro Soares, ex-administrador não executivo do pólo tecnológico de Oeiras, e Américo Tomatini, presidente da comissão executiva do Taguspark, estão acusados de corrupção passiva para acto ilícito. C. D. S., com Lusa

DGS dá surto de dengue na Madeira como controlado

MADEIRA Desde 4 de Fevereiro que a Direcção-Geral da Saúde não registou qualquer caso de dengue "confirmado laboratorialmente" na ilha da Madeira. Em comunicado, a entidade sublinhou ontem que "o surto se encontra controlado", e lembrou que o número de casos tem diminuído desde Novembro de 2012 para "valores residuais". A DGS, contudo, ainda mantém operacionais "todas as medidas de vigilância e controlo" na região.

Helicópteros. Consórcio derrotado apresenta queixa

LISBOA O consórcio que perdeu o concurso público para o fornecimento de 25 helicópteros ligeiros de combate a incêndios florestais apresentou uma queixa-crime. Numa nota, o consórcio constituído pelas empresas Heliportugal, Helibravo, HTA e Enaer refere que a queixa-crime foi acompanhada de documentação que indicia a prática do crime de falsificação de documentos.

Miguel Macedo diz que criminalidade diminuiu no Algarve

FARO O ministro da Administração Interna, Miguel Macedo, afirmou ontem que, no último ano, houve uma redução da criminalidade no Algarve e uma "grande evolução" no que respeita à segurança dos estrangeiros que residem em zonas isoladas da região. "Tivemos mais visibilidade das forças de segurança no Algarve, mais operações, mais fiscalização e, em geral, uma redução da criminalidade", disse.

Bruxelas quer reforçar sistema de segurança alimentar

BRUXELAS A Comissão Europeia quer reforçar as sanções e o controlo do sistema de segurança alimentar, bem como estudar a possibilidade de rotulagem obrigatória quanto ao país de origem, após a polémica da carne de cavalo na Europa. O comissário europeu da Saúde, Tonio Borg, admitiu também um reforço das "regras e controlos em três áreas: sanções, nível de controlo e rotulagem quanto à origem".



Em 2011, as bolsas mais críticas de abandono escolar deslocaram-se para o Centro

Estudo. Em 20 anos o abandono escolar mudou do Norte para o Centro

"Atlas do Abandono Escolar" é o estudo que o ex-ministro da Educação David Justino apresenta hoje na Fundação Gulbenkian

ANA TOMÁS
ana.tomas@online.pt

A taxa de abandono escolar no 3.º ciclo do ensino básico diminuiu significativamente entre 1991 e 2011, mas a sua distribuição geográfica também mudou. Há duas décadas era nos concelhos da Região Norte que se concentravam os piores resultados (com uma taxa superior a 30%). Actualmente esses valores não ultrapassam os 2,55%. Em contrapartida, o desempenho escolar, apesar de ter reduzido em todo o país, deslocou-se para o Centro e o Interior, atingindo variações máximas de 4,9%.

Os dados são de um estudo do ex-ministro da Educação e professor da Universidade Nova de Lisboa David Justino, intitulado "Atlas do Abandono e do Insu-

cesso Escolar em Portugal" e que é hoje apresentado, na Fundação Calouste Gulbenkian, na terceira conferência da EPIS - Empregos para a Inclusão Social.

De acordo com os dados a que o i teve acesso, a média de alunos que, entre os 10 e os 15 anos, abandonou o ensino sem o 9.º ano completo, incluindo os que nunca o frequentaram, desceu de 12,6% para 1,7% em 20 anos. Em 1991 era no Norte que se registava o índice de abandono mais alto (entre os 18,9% e os 33%), sobretudo em concelhos dos distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Porto, Aveiro e Viseu. Passados dez anos, o estudo revela uma diminuição drástica nestas regiões. Mesmo apresentando uma maior incidência a norte, a taxa de abandono mais alta em 2001 concentrava-se principal-

mente em concelhos dos distritos do Porto, Vila Real e no Norte do distrito de Viseu, oscilando entre os 5,6% e os 9% (a média nacional neste ano situava-se nos 2,8%).

Já em 2011 assistiu-se a uma nova redução dos valores do abandono escolar no 3.º ciclo, mas também a uma deslocação das bolsas mais críticas para concelhos do Centro e do Interior, junto à fronteira com Espanha, e ainda no Baixo Alentejo, onde a taxa se situava entre os 2,5% e os 4,9%. No mesmo período, também alguns concelhos da ilha da Madeira e do Algarve (Monchique, Tavira e Vila Real de Santo António) passam a figurar na lista dos que apresentam taxas de abandono mais elevadas, acima da média nacional desse ano (1,7%).



EDUARDO MARTINS

INSUCESSO Os dados mais recentes do gabinete de estatísticas e planeamento da educação (GEPE), do Ministério da Educação, também mostram que a Região Norte não está no topo do insucesso escolar, apresentando uma taxa de retenção e abandono no 3.º ciclo de 11,2%. Os números do ano lectivo 2010/2011 colocam Lisboa e Vale do Tejo entre as regiões com os piores resultados (15,7%), seguido do Algarve (15,1%), Alentejo (14,7%) e Centro com 11,5%.

Analisar os resultados por região impede, no entanto, de perceber onde estão os concelhos com maiores taxas de retenção e abandono. No Norte, que concentra 40% da população escolar a estudar no 3.º ciclo (176 753 alunos), há vários municípios a ultrapassar a média nacional (12,9%). É o caso por exemplo de Freixo de Espada à Cinta (30,4%) ou Moimenta da Beira (23,1%).

Os campeões do insucesso escolar estão porém no Alentejo, que só concentra 6,6% dos alunos no 9.º ano (29 407). Fronteira com uma taxa de 37,5%, Vidigueira, com 34,1% ou Alvão (28,8%) batem todos os recordes. Mas a região de Lisboa e a península de Setúbal apresentam igualmente vários focos de insucesso. É o caso da Amadora (22,5%), de Loures (20,9%), do Barreiro (19,9%) ou de Setúbal (18%). Com Kátia Canulo

Saúde

SNS ainda não é sustentável a longo prazo

SUSTENTABILIDADE

O ministro da Saúde afirmou ontem que a sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde (SNS) a curto e médio prazo está assegurada, mas não a longo prazo, sendo necessário "pensar o sistema" para depois de 2015. "Se não tivessem sido adoptadas as medidas de emergência logo em 2011, a sustentabilidade do SNS não estaria assegurada no curto prazo. Conseguimos a sustentabilidade no curto e médio prazo, mas ainda não no longo prazo", disse Paulo Macedo durante a apresentação pública do estudo "O Sector da Saúde: Da Racionalização à Excelência". As reformas que estão em curso, diz o ministro da Saúde, "são absolutamente necessárias, têm efeitos estruturais, mas por si só não são suficientes".

COMPETITIVIDADE

O estudo, elaborado pela Porto Business School (PBS) para o Health Cluster Portugal (HCP), conclui que "Portugal tem de ter um sector da saúde competitivo internacionalmente". E apresenta cinco medidas, entre as quais que cada prestador de cuidados de saúde deve receber um montante predeterminado por beneficiário, em troca de um "pacote" de serviços.

Baixo carbono. Reino Unido quer ajuda de empresas portuguesas

Evento na embaixada britânica em Lisboa promoveu a criação de parcerias na área da eficiência energética

Pelo terceiro ano consecutivo, a redução das emissões de dióxido de carbono para a atmosfera esteve no centro de um encontro promovido pela embaixada do Reino Unido em Portugal. O evento, organizado pelo departamento de comércio e investimento (UKTI, na sigla inglesa), incentivou as 65 empresas portuguesas e oito expositores britânicos presentes a criarem parcerias no âmbito de negócios centrados na eficiência energética.

Sala sobrelotada e um cartaz colado na parede onde em inglês se lia "O Verde é fantástico". Foi este o cenário montado para a Low Carbon Technologies Exhibition, conferência que começou por abordar, quase em exclusivo, os interesses económicos do Reino Unido no mercado brasileiro - com Portugal a servir aqui de intermediário e a ser referenciado como uma porta de entrada para o Brasil.

O mercado britânico foi descrito ao i como "uma enorme oportunidade" de negócio por

James Beal, especialista do UKTI para o sector do baixo carbono, que situou o potencial das "soluções de eficiência energética" à volta dos 8 mil milhões de euros.

O porta-voz da iniciativa sublinhou a meta ambiental a que o governo britânico está vinculado - de até 2050 reduzir em 80% as emissões de gases poluentes, para os níveis registados em 1990 - como um dos principais motivos para o país procurar parcerias com empresas portuguesas.

"O governo e as empresas britânicas não têm dinheiro suficiente para [reduzirem as emissões] sozinhos, por isso o objec-

tivo é facilitar ao máximo este processo", explicou, antes de salientar que "as empresas [britânicas] vieram a Portugal à procura de parceiros para se envolverem, e não em busca de competição".

Do lado português, a conferência contou com intervenções de Filipe Vasconcelos e Maria João Rodrigues, respectivamente, director geral e assessora da ADENE (Agência para a Energia), Miguel Matias, CEO da Self Energy, grupo já a operar no Reino Unido, e João Simão Pires, director executivo da Parceria Portuguesa para a Água, uma associação de empresas do sector.

Tudo nomes de entidades a actuar na área da eficiência energética. "As empresas portuguesas são muito bem vistas no Reino Unido, e queremos mais parcerias no futuro", garantiu James Beal. De acordo com a Associação de Energias Renováveis (APREN), em 2012, a cada hora de electricidade consumida em Portugal, 16 minutos têm origem em energias renováveis. O ano passado, este tipo de energias permitiram ao país poupar uma verba de cerca de 612 milhões de euros.

Diogo Pombo

Oito expositores britânicos e 65 empresas portuguesas estiveram presentes

Uma economia de baixo carbono passa por combater a dependência dos combustíveis fósseis

GANHE DVDs

a saga twilight

amanhecer

LIGUE 760 302 124

de 10 em 10 chamadas oferecemos um DVD A Saga Twilight Amanhecer parte 2.

Custo de chamada 0,60€+IVA.

Ao participar aceita as condições do regulamento disponível em www.ionline.pt.

Para esclarecimentos e/ou envio de prémios por CTT contacte passatemp@ionline.pt.

Jornal i